
O PLURALISMO CRISTÃO BRASILEIRO*

André Ricardo de Souza**

Resumo: o Brasil é um grande país cristão que também passa por diversificação religiosa. Mas o que se costuma chamar de pluralismo religioso limita-se a uma diversidade cristã. Este artigo aborda a configuração atual do cristianismo brasileiro e os modos disparez com que algumas das suas vertentes lidam com a política, a economia e a prática de assistência social.

Palavras-chave: Cristianismo. Diversidade religiosa. Instituições cristãs.

Este artigo apresenta resultados de uma pesquisa feita com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) sobre o cristianismo no Brasil. Este é um país com considerável presença religiosa no imaginário e nas práticas da sua população. Apesar do processo de secularização, surgido oficialmente com a separação entre Igreja Católica e Estado na Constituição republicana de 1891, a sociedade brasileira ainda atribui significativo valor à religião, algo evidente nos feriados católicos, em diversas manifestações artísticas e midiáticas, nos símbolos presentes em repartições públicas etc¹. Embora seja crescente o contingente social que se declara sem religião, seu afastamento das instituições religiosas ainda não pode ser interpretado como um refluxo do pensamento religioso, tampouco um crescimento do ateísmo².

Quando se fala em religião no Brasil está se tratando essencialmente do cristianismo, uma vez que as vertentes cristãs abrangem a absoluta maioria da população

* Recebido em: 30.11.2011.

Aprovado em: 28.12.2011.

** *Doutor em sociologia pela USP com pós-doutorado pela PUC-SP, professor do Departamento de Sociologia da UFSCar e atuante na área de sociologia da religião. E-mail: anrisouza@uol.com.br.*

nacional. Ao falarmos, portanto, em presença religiosa na cultura do país estamos tratando sobremaneira da influência cristã nesta sociedade, porém como algo que ocorre de modo heterogêneo. Isso envolve a questão da abrangência do cristianismo no Brasil, tema deste artigo.

A RELIGIÃO NOS CENSOS DEMOGRÁFICOS

A sociologia da religião neste, bem como em muitos outros países, se volta essencialmente ao cristianismo, caracterizando-se como uma “sociologia do catolicismo em declínio” (PIERUCCI, 2004, p. 19), fenômeno que origina a ainda modesta diversificação religiosa. Em 1940, os católicos compunham 96,2% no primeiro censo demográfico em que o Instituto Brasileiro de Geografia (IBGE) considerou o quesito religião. Essa cifra chegou no ano 2000, último recenseamento com dados disponíveis, a 73,9%, fazendo com que aproximadamente ainda $\frac{3}{4}$ da população brasileira se declare seguidora da igreja romana. Em contrapartida, os protestantes, tanto de missão ou históricos quanto os pentecostais, abrangiam naquele primeiro censo 2,6%, vindo a compor seis décadas mais tarde 15,6% da população total. Mas o contingente que mais cresceu foi o dos sem religião, que eram 0,2% e saltaram para 7,4%³. Fazendo-se a ponderação, os católicos diminuíram 22,3%, ao passo que os evangélicos cresceram 500% e os sem religião 3700%.

Tabela 1: Religiosidade no Brasil – 1940-2000

Ano	Católicos	Evangélicos	Outras religiões	Sem religião
1940	95,2	2,6	1,9	0,2
1950	93,7	3,4	2,4	0,3
1960	93,1	4,3	2,4	0,5
1970	91,8	5,2	2,3	0,8
1980	89,0	6,6	2,5	1,6
1991	83,3	9,0	2,9	4,7
2000	73,9	15,6	3,5	7,4

Fonte: IBGE – Censos demográficos (por % da população nacional)

Os dados mostram que nos anos de 1970 os sem religião dobraram de tamanho e na década posterior tiveram um notável crescimento de quase 200%. Já os anos 1990 ficaram marcados pelo grande crescimento evangélico (73%), devido a uma explosão pentecostal, provocada principalmente pela expansão da Igreja Universal do Reino de Deus. Em consequência disso e também ao continuado

crescimento dos sem religião, o contingente católico teve uma redução proporcionalmente maior que o crescimento evangélico (128%). Conclui-se que ao final do século XX, se tornou bem mais fácil não ser católico, abraçando o protestantismo ou mesmo nenhuma confissão religiosa.

Ocorre que a diversificação religiosa no Brasil ainda é pequena de fato, pois o cristianismo, classicamente interpretado como a soma de católicos e protestantes⁴, era no início dos levantamentos oficiais 97,8%, passando 60 anos depois a 89,5% (CAMPOS, 2008). Portanto, a quantidade tradicionalmente definida de cristãos baixou 8,3%, algo próximo dos 7,4% de sem religião, registrados no último recenseamento disponível. As outras religiões compunham 1,9% em 1940, chegando em 2000 a ser 3,5% da população total⁵. O crescimento ponderado das outras religiões ficou bem abaixo dos sem religião e dos evangélicos, sendo apenas de 84%.

Tabela 2: Cristãos tradicionalmente definidos, sem religião e adeptos das outras religiões (%)

Ano	Cristãos (Católicos + Protestantes)	Sem religião	Adeptos das outras religiões
1940	97,8	0,2	1,9
1950	97,1	0,3	2,4
1960	97,4	0,5	2,4
1970	97,0	0,8	2,3
1980	95,6	1,6	2,5
1991	92,3	4,7	2,9
2000	89,5	7,4	3,5

Fonte: Censos do IBGE.

O Brasil é um dos países com maiores contingentes cristãos, mas também vem passando por alguma diversificação religiosa nas últimas décadas. Como se vê, o catolicismo cede grande espaço aos segmentos dos sem religião e do protestantismo pentecostal. O que se costuma chamar de pluralismo religioso caracteriza-se essencialmente como crescente diversidade cristã, pois há um segmento populacional muito pequeno seguidor de religiões não cristãs, algo que este artigo destaca. O pluralismo religioso, portanto, é um fenômeno bem maior do que a heterogeneidade cristã, algo que envolve um “grau de desenvolvimento social (e não formal-jurídico) de liberdade real de culto e uma cultura da tolerância recíproca” (BASTIAN, 1997). O constante ataque pentecostal, sobretudo da Igreja Universal do Reino de Deus, às religiões afro-brasileiras, que têm contri-

buído muito com o acentuado encolhimento delas, se contrapõe em boa medida a tal pluralismo religioso (PRANDI, 2004; ALMEIDA, 2009; SILVA, 2007).

Em 2000, o IBGE definiu de modo mais claro a nova categoria censitária chamada de “neocristianismo”. Compunham esse segmento instituições religiosas próximas do protestantismo, porém com referências doutrinárias próprias, distintas da Bíblia, o que as faziam ser classificadas antes apenas como “outras religiões”. São elas: Testemunhas de Jeová, Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, mais conhecida como Mórmons e Legião da Boa Vontade (LBV). Tal contingente abrangia 0,7% da população nacional. Porém os neocristãos podem ter um tamanho maior se incluirmos nessa categoria uma vertente religiosa presente no país desde o final do século XIX: o espiritismo kardecista. Tal inclusão – evidentemente sociológica, não teológica – se deve ao fato de os espíritas promoverem a materialização do princípio cristão da caridade em significativas obras de assistência social⁶ e pela centralidade do culto a Jesus Cristo, expressa no livro *O Evangelho segundo o espiritismo* (ALLAN KARDEC, 1864) em seus preceitos doutrinários. Por tais motivos, o espiritismo vem sendo também caracterizado como uma vertente cristã (ARRIBAS, 2001; CAMURÇA, 2001 E 2010; LEWGOY, 2010; TEIXEIRA, 2010)⁷. Abrangendo os espíritas, os neocristãos chegariam a 2% da população brasileira.

Se somarmos os tradicionalmente reconhecidos como cristãos com os neocristãos, considerando também os espíritas, teremos um cristianismo no Brasil abrangendo 91,5% de sua população. Descontados aqueles que se declaram sem religião⁸, sobram apenas 1,5% de pessoas adeptas de religiões não cristãs. Trata-se de uma fração demográfica extremamente pequena que contém importantes tradições religiosas como budismo, judaísmo e islã. Isto explicita o fato de não termos um pluralismo religioso, como se costuma dizer (PIERUCCI, 2006). Teríamos, na verdade, um pluralismo cristão. A limitada diversificação religiosa, dada a grande predominância cristã na sociedade brasileira, de algum modo confronta os ideais de pluralismo cultural, tolerância religiosa e democracia.

Tabela 3: Distribuição dos cristãos no Brasil em 2000

Vertentes	%
Católicos	73,9
Protestantes	15,6
Neocristãos	2,0
Total	91,5

Fonte: Censo do IBGE (contabilizando-se os espíritas entre os neocristãos).

Além da Bíblia, as vertentes neocristãs têm em comum a referência a outros livros doutrinários tidos como fundamentais. No caso do espiritismo, junto com a interpretação dos evangelhos já mencionada, compõem o “pentateuco kardeciano”: *O livro dos Espíritos* (1867), *O livro dos médiuns* (1861), *Céu e inferno: a justiça divina segundo o espiritismo* (1865), *A gênese: milagres e predições segundo o espiritismo* (1868) e *Obras póstumas* (1890). Em grande medida, Kardec é para os espíritas o que Joseph Smith Jr. é para os mórmons. Para os adeptos da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias tais obras basilares de Smith Jr. são: *Livro de Mórmon* (1830), *Doutrina e convênios* (1835) e *Pérola de grande valor* (1921).

Outro fator em comum é a descrença na Santíssima Trindade, ou seja, a concepção de Jesus Cristo não como Deus. Nesse sentido, há uma pregação “restauracionista”, do chamado cristianismo primitivo, como feito explicitamente pelas vertentes acima e também pelas Testemunhas de Jeová. A Legião da Boa Vontade (LBV) é uma das dissidências espíritas. Fundada pelo radialista Alziro Zarur em 1950 como instituição filantrópica e religiosa⁹. Sob a liderança de José de Paiva Netto, em 2001, tal entidade tornou-se alvo de denúncias de desvio de recursos originariamente arrecadados para atividades assistenciais (PAULA, 2003).

Tradicionalmente, o espiritismo kardecista tem sido classificado como parte de um “continuum das religiões mediúnicas”, ao lado principalmente de candomblé e umbanda (CAMARGO, 1961). Embora os espíritas tenham obtido um crescimento bastante modesto nos censos demográficos, passando de 1,1% em 1940 para apenas 1,38% em 2000, eles compõem o terceiro maior contingente religioso do país, atrás dos católicos e dos protestantes¹⁰. Eles compõem a maioria dos neocristãos (66%).

Tabela 4: Os neocristãos na população nacional em 2000

Vertentes	%
Espíritas	1,33
Testemunhas de Jeová	0,64
Mórmons	0,09
Adeptos da LBV	*
Total	2,0

Fonte: Censo do IBGE (considerando os espíritas como neocristãos).

Em relação ao universo católico, que abrange 73,9% dos brasileiros, há algumas diversificações, sendo distinção básica ainda aquela entre o catolicismo nominal e internalizado. O catolicismo nominal abarca a versão tradicional, tanto rural,

quanto urbana (CAMARGO, 1973). Já no âmbito do catolicismo internalizado, as duas grandes vertentes são a Renovação Carismática Católica e a Teologia da Libertação/Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). A pesquisa feita por Pierucci e Prandi (1995), com dados do Instituto Datafolha sobre as eleições presidenciais de 1994, mostrou que havia 61,4% de católicos “tradicionais” ou nominais, 3,8% de católicos carismáticos, 1,8% de participantes das CEBs e 7,9% ligados a outros movimentos católicos. Havia, portanto, 14% de praticantes do catolicismo internalizado.

Tabela 5: Diversificação dos católicos em 1994

Vertentes	%
Tradicionais ou Nominais	61,4
Identificados com a Renovação Carismática	3,8
Identificados com as Comunidades Eclesiais de Base	1,8
Identificados com outros movimentos	7,9
Total	74,9

Fonte: Datafolha (1994) e Pierucci e Prandi (1995).

Em termos de protestantismo (15,6% da população nacional) a divisão básica é entre as igrejas protestantes históricas ou de missão e as pentecostais. Entre as denominações históricas estão a Batista, a Presbiteriana, a Luterana e a Metodista. No âmbito do pentecostalismo, temos três categorias básicas de igrejas: pentecostais clássicas, instaladas no Brasil no início do século XX (Congregação Cristã do Brasil e Assembléia de Deus), pentecostais de cura divina instaladas e criadas no país entre as décadas de 1950 e 60 (Evangelho Quadrangular, Brasil para Cristo e Deus é Amor) e neopentecostais instaladas e criadas a partir da década de 1970 - sendo as principais: Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça de Deus, Sara Nossa Terra, Igreja Mundial do Poder de Deus e Renascer em Cristo (SOUZA, 1969; FRESTON, 1993; MARIANO, 1999). Em termos de tamanho, o pentecostalismo clássico aparece em primeiro lugar, seguido pelo neopentecostalismo.

Ao observarmos o cristianismo como um todo no Brasil, em termos de filiação às instituições religiosas específicas, temos uma visão mais clara da sua configuração. Entre as principais instituições aparecem em primeiro lugar a Igreja Católica, seguida pela Assembléia de Deus, depois Igreja Batista e Congregação Cristã do Brasil.

Tabela 6: Maiores instituições cristãs no Brasil em 2000

Vertentes	%
Católica Apostólica Romana	73,9
Assembléia de Deus	4,95
Batista	1,86
Congregação Cristã do Brasil	1,46
Espiritismo (Federação Espírita Brasileira)	1,33
Igreja Universal do Reino de Deus	1,23
Evangelho Quadrangular	0,07
Outras	15,2
Total	100

Fonte: Censos do IBGE.

A Igreja Universal aqui novamente tem destaque dada a relação entre tamanho e tempo de existência. Enquanto as instituições com mais adeptos que ela são no mínimo centenárias, essa denominação tem agora apenas trinta e quatro anos de idade. Ou seja, conta com uma trajetória de expansão bastante acelerada.

FACES DO CRISTIANISMO BRASILEIRO

Tratar o cristianismo como um todo no país é algo inédito, uma vez que os trabalhos investigativos realizados até então se referem a segmentos específicos, como os neopentecostais, por exemplo (MARIANO, 1999), ou determinada igreja em particular. Em termos de envolvimento com o mundo político, os católicos têm uma histórica participação, através de seus intelectuais e instituições, exercendo grande influência sobre os governos da República Velha e de Getúlio Vargas. Posteriormente, já no período mais duro da ditadura militar, a igreja mediante suas pastorais sociais e as CEBs, exerceria um papel de resistência, abrigo e apoio a ativistas de esquerda (MAINWARING, 1989). Nos anos de 1990, a Teologia da Libertação entrou em refluxo, cedendo grande espaço à Renovação Carismática Católica, em um processo de despolitização (PRANDI; SOUZA, 1996). Mais recentemente, os carismáticos católicos vêm elegendo parlamentares que se dedicam à defesa de causas próprias desse tipo de catolicismo (MIRANDA, 1999; MARIZ, 2001; SENNA, 2008; REIS, 2011)¹¹.

Os protestantes, como um todo, tiveram uma participação discreta na vida política nacional até a eleição da Assembleia Constituinte em 1986. Este é o marco do engajamento político-partidário dos pentecostais. Movidos pelo slogan “irmão

vota em irmão” (SYLVESTRE, 1986), liderados pela Assembléia de Deus, preocupados com o direito à liberdade religiosa na Constituição e interessados em benefícios concretos pontuais como a concessão de emissoras de rádio, os evangélicos pentecostais passaram a eleger seus representantes parlamentares (FREESTON, 1993; FONSECA, 2002; MACHADO, 2006; BATISTA, 2009) e a ter relevância em eleições para cargos majoritários, inclusive a Presidência da República (PIERUCCI; MARIANO, 1997). Outras denominações, sobretudo a Igreja Universal, se engajariam nessa empreitada, criando partidos políticos¹², formando bancadas específicas e até contribuindo para eleger prefeitos e governadores.

Os evangélicos pentecostais se destacam também em termos de empreendedorismo econômico. Há denominações em que os pastores não são remunerados e outras em que, ao contrário, são bastante profissionalizados, recebendo significativos salários, estímulos e prêmios, conforme o alcance das metas de coleta de dízimos e o grau de prosperidade dos templos por eles administrados¹³. Muitas dessas instituições compõem “corporações religiosas”, que além de igrejas, podem assumir a forma de entidades para-evangélicas, como associações de empresários e profissionais liberais (CAMPOS, 1997, p. 386-8; CAMPÁ, 1998).

Segundo um padrão mais institucional e menos pessoal – havendo corporações pertencentes a congregações, dioceses e paróquias não a indivíduos - os católicos também exercem atividades economicamente empreendedoras. Há uma significativa diversidade de empreendimentos econômicos com identidade cristã (católica e protestante), envolvendo, entre outras atividades, turismo, promoção de eventos, confecção de vestuário, fabricação de móveis e de objetos de culto. Mas a maioria deles e também os que movimentam mais dinheiro se concentram na chamada indústria cultural, ou seja, na área de comunicação social: editoras, gravadoras, produtoras audiovisuais, distribuidoras, e emissoras televisivas e radiofônicas (SOUZA, 2009). Reproduzindo e contra-atacando evangélicos pentecostais, os católicos vêm investindo de modo significativo em termos de mídia e marketing (SOUZA, 2005).

Os espíritas, por sua vez, estão praticamente ausentes da política partidária, havendo poucos parlamentares que se identificam como tal. São modestos também em termos de atividade econômica com suas editoras e emissoras de rádio e televisão. Por traz de seus empreendimentos, grosso modo, não há pessoas caracterizadas explicitamente como proprietárias ou lideranças, mas sim instituições marcadas pelo caráter impessoal de propriedade e gestão. Mas em termos de assistência social, o espiritismo conta com um grande conjunto de instituições voltadas à prática da caridade, valor central nessa tradição religiosa. Destacam-se entidades como Casas André Luiz, Mansão do Caminho, e Lar Fabiano de Cristo.

Mesmo considerando a desproporção demográfica, a presença mais forte no setor de assistência social no Brasil é dos católicos, com a forte tradição de práticas caritativas. Pastorais sociais e inúmeras entidades realizam tais “obras sociais”. Mas o organismo, designado por excelência pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) ao trabalho de assistência social, é a Cáritas Brasileira¹⁴. Com sua estrutura capilar, essa entidade dispõe de recursos arrecadados nas missas para realizar seus programas de atendimento a famílias carentes, sobretudo aquelas residentes nas áreas mais pobres do país – sobretudo na região Nordeste – e também atingidas por calamidades, como secas e enchentes. Para isso, a Cáritas também costuma realizar diversas campanhas humanitárias¹⁵.

Em termos de inserção social, os evangélicos do protestantismo histórico tiveram uma atuação desde a segunda metade do século XIX, de um lado, pela ajuda mútua, essencialmente no interior de suas próprias comunidades, sobretudo as que tinham também caráter étnico. De outro, pela dedicação à educação, impulsionando a alfabetização – motivada pelo desejo difundido de leitura da Bíblia - e promovendo formação e qualificação profissional. As ONGs interdenominacionais formadas entre os protestantes históricos – sobretudo Diaconia, CESE, Amencar, Visão Mundial, FLD e Rede Evangélica Nacional de Ação Social (RENAS) – desenvolvem trabalho assistencial, sobretudo com crianças, adolescentes e idosos, com destaque para a região Nordeste do país. Contam com recursos oriundos de outras organizações ecumênicas internacionais, bem como doações individuais e corporativas (BURITY, 2006; CONRADO, 2006; SCHELIGA, 2010).

CONCLUSÃO

Como se vê, o cristianismo no Brasil é bastante amplo (mais de 90% da população) e heterogêneo, ainda mais quando se considera o espiritismo como parte do espectro neocristão. Há posturas e práticas distintas entre as diversas instituições religiosas cristãs. Em face desse universo cristão brasileiro, presença de outras religiões é bastante pequena e pouco expressiva em termos culturais e políticos. Em nosso cenário religioso, há preponderância ostensiva das instituições cristãs. Aquilo que é chamado diversidade religiosa brasileira, caracteriza-se de fato como um pluralismo cristão.

THE BRAZILIAN CHRISTIAN PLURALISM

Abstract: Brazil is a big Christian country which also has been passing for a religious diversification. Nevertheless what one usually calls religious pluralism in fact means Christian diversity. This article approaches the now existing Brazilian

Christianity conformation and the different ways its branches deal with politics, economy and social work practices.

Keywords: *Christianity. Religious diversity. Christian institutions.*

Notas

- ¹ Toda a controvérsia envolvendo a questão do aborto nas eleições presidenciais de 2010 ilustra ainda mais tal realidade.
- ² Mesmo sendo a secularização, em termos de explicação do mundo e orientação de conduta, um fato já plenamente reconhecido na sociedade brasileira (Pierucci, 2003; Montero, 2006), a religião prossegue ocupando nela um lugar de destaque. Os estudos sobre os sem religião, ainda incipientes, apontam no interior desse segmento uma profusão de referências de fé sincretizadas. Eles se inserem num contexto mais amplo, de individualização e privatização da chamada experiência religiosa (PIERUCCI; PRANDI, 1996; JACOB *et al.*, 2003; PIERUCCI, 2004; NOVAES, 2004).
- ³ Fernandes e Pitta (2006: 131), apontam um fato curioso sobre os sem religião: 33,2% deles eram antes pentecostais, enquanto 23,1% e 11,8%, respectivamente, haviam sido católicos e protestantes históricos.
- ⁴ Embora os católicos não romanos, mas sim ortodoxos sejam desde sua origem definidos como cristãos, eles são em quantidade extremamente pequena, de modo a não aparecerem no censo.
- ⁵ A publicação dos dados demográficos em 2000 pelo IBGE provocou um debate a respeito da classificação da grande variedade de opções religiosas declaradas (MAFRA, 2004, p. 153).
- ⁶ Algo que aliás foi fundamental para a legitimação dessa confissão religiosa no Brasil até meados do século XX (Giumbelli, 1997; Lewgoy, 2006).
- ⁷ Vale registrar que outras religiões que de algum modo fazem reverência a Cristo – como umbanda e Santo Daime, por exemplo – são marcadas por um acentuado sincretismo e não materializam da mesma maneira que os espíritas kardecistas o preceito cristão da caridade.
- ⁸ Lembrando-se que há uma religiosidade difusa, própria de um “espírito de época”, sobretudo entre jovens indiferentes às instituições religiosas (Novaes, 2004).
- ⁹ As outras são: Racionalismo Cristão (surgido em 1910), Ramatizismo (segunda metade da década 1950), Apometria e Conscienciologia (ambas na década de 1960) e Renovação Cristã (2002).
- ¹⁰ Originária do kardecismo, a umbanda foi chamada inicialmente como “baixo espiritismo” em contraposição à “mesa branca” kardecista. Se por um lado ainda há umbandistas e mesmo candomblecistas que se declaram “espíritas”, por outro também há muitas pessoas que frequentam e seguem preceitos espíritas kardecistas, no entanto, preferindo se dizer católicos (PRANDI, 2004; LEWGOY, 2006).
- ¹¹ Destaca-se o deputado federal paulista pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), Gabriel Chalita, o segundo mais votado no país nas eleições de 2010, que já exerceu cargos de secretaria estadual e é atualmente pré-candidato à Prefeitura de São Paulo.
- ¹² Destacam-se o Partido Republicano Brasileiro – PRB (Igreja Universal) e o Partido Social Cristão – PSC (Assembléia de Deus).
- ¹³ O incentivo que a razoável remuneração dá ao proselitismo dos pastores é um dos fatores que explicam a difusão evangélica, sobretudo pentecostal no Brasil (Aubrée, 1985).

¹⁴ Integrante da Caritas Internationalis, presente mais de duzentos países, a Cáritas foi instituída no Brasil em 1956 a partir do trabalho de coleta e envio de alimentos por parte do governo do Estados Unidos, no âmbito do programa Aliança para o Progresso.

¹⁵ No âmbito das dioceses, inúmeros núcleos e centros regionais atuam junto com a Cáritas e as pastorais sociais, sobretudo em relação à temática da defesa dos direitos humanos (CNBB, 1983).

Referências

- ALMEIDA, R. A Igreja Universal e seus demônios. São Paulo: Terceiro Nome, 2009.
- ARRIBAS, C. Afinal, espiritismo é religião? São Paulo: Alameda e FAPESP, 2010.
- AUBRÉE, M. L'expansion su pentecôtisme au Brésil. BRAISE – Revue Trimestrielle d'Information et Culture Brésilienne. Paris, n. 2, p. 37-43, 1985.
- BAPTISTA, S. Pentecostais e neopentecostais na política brasileira: um estudo sobre cultura política, Estado e atores coletivos religiosos no Brasil. São Paulo: Instituto Metodista Izabela Hendrix e Annablume, 2009.
- BASTIAN, J. P. La dérégulation religieuse de l'Amérique Latine, *Problèmes d'Amérique Latine: La diversification du religieux en Amérique latine – a propos de l'expansion des pentecôtismes*, Paris, n. 24, p. 3-16, 1997.
- BURITY, J. A. Redes, parcerias e participação religiosa nas políticas sociais no Brasil. Recife: Fundação Joaquim Nabuco e Massangana, 2006.
- CAMARGO, C. P. F. Kardecismo e umbanda. São Paulo: Pioneira, 1961.
- CAMARGO, C. P. F. (Org.). Católicos, protestantes e espíritas. Petrópolis: Vozes, 1973.
- CAMPÁ, W. A. B. M. Homens de negócios, homens de fé: novas formas de participação religiosa. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.
- CAMPOS, L. S. Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Simpósio Editora e UMESP, 1997.
- CAMPOS, L. S. Os mapas, atores e números da diversidade religiosa cristã brasileira: católicos e evangélicos entre 1940 e 2007. REVER, v. 4, p. 1-20, 2008.
- CAMURÇA, M. A. Fora da caridade não há religião: breve história da competição religiosa entre catolicismo e espiritismo kardecista e de suas obras sociais na cidade de Juiz de Fora: 1900-1960. Locus. Juiz de Fora, v. 7, n. 1, p. 131-154, 2001.
- CAMURÇA, M. A. Espiritismo: um “neocristianismo”? IHU On-line. São Leopoldo, 1 de novembro, 2010.
- CNBB. Obras sociais da Igreja no Brasil. Coleção Estudos da CNBB. São Paulo: Paulinas, n. 34, 1983.
- CONRADO, F. C. Religião e cultura cívica: um estudo sobre modalidades, contradições e complementaridades presentes nas ações sociais evangélicas no Brasil. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- FERNANDES, S. F. (Org.). *Mudança de religião no Brasil: desvendando sentidos e motivações*, Rio de Janeiro-São Paulo, CERIS-Palavra & Prece, 2004.

- FONSECA, A. B. C. Secularização, pluralismo religioso e democracia no Brasil: um estudo sobre a participação dos principais atores evangélicos na política (1998-2001). Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- FRESTON, P. Protestantes e políticas no Brasil: da Constituinte ao impeachment. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Unicamp, 1993.
- GIUMBELLI, E. O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do espiritismo. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.
- JACOB, C. R. et alii. Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil. Rio de Janeiro: Editora da PUC-RJ e Loyola, 2003.
- KARDEC, A. O evangelho segundo o espiritismo. São Paulo: Federação Espírita do Estado de São Paulo, 1982 [1864].
- LEWGOY, B. Incluídos e letrados: reflexões sobre a vitalidade do espiritismo kardecista no Brasil atual. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.) As religiões no Brasil: continuidades e rupturas. Petrópolis: Vozes, 2006.
- LEWGOY, B. Espiritismo e globalização: novos contextos e novas sensibilidades (versão preliminar). Trabalho apresentado no 34º Encontro Anual da Anpocs, 2010.
- MACHADO, M. D. C. Política e religião: a participação dos evangélicos nas eleições. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- MAFRA, C. Censo de religião: um instrumento descartável ou reciclável? *Religião e Sociedade*, v. 24, n. 2, p. 152-159, 2004.
- MAINWARING, S. Igreja Católica e a política no Brasil: 1916-1985. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- MARIANO, R. Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 1999.
- MARIZ, C. L. Pentecostalismo, Renovação Carismática e Comunidade de Base: uma análise comparada. *Cadernos do Ceris*. V. 1, n. 2, p. 11-42, 2001.
- MIRANDA, J. Carisma, sociedade e política: novas linguagens do religioso no político. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- MONTERO, P. Religião, pluralismo e esfera pública. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, v. 74, p. 47-66, 2006.
- NOVAES, R. Os jovens sem religião: ventos secularizantes, “espírito da época” e novos sincretismos. *Estudos Avançados*, São Paulo, IEA, v. 18, n. 52, p. 321-330, 2002.
- PAULA, M. F. Religião e filantropia: os aspectos religiosos da Legião da Boa Vontade. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- PIERUCCI, A. F. O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber. São Paulo: Editora 34, 2003.
- PIERUCCI, A. F. Bye bye, Brasil: O declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. *Estudos Avançados*, v. 18, n. 52, p. 17-28, 2004.
- PIERUCCI, A. F. Cadê nossa diversidade religiosa? 2004. In: TEIXEIRA, F.; MENEZES, R. (Orgs.). *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2006.

- PIERUCCI, A. F.; PRANDI, R. Religiões e voto no Brasil: A eleição presidencial de 1994. *Opinião Pública*, v. 3, n. 1, p. 20-44, 1995.
- PIERUCCI, A. F.; MARIANO, R. 1996. O envolvimento dos pentecostais na eleição de Collor. In: PIERUCCI, A. F.; PRANDI, R. *A realidade social das religiões no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- PIERUCCI, A. F.; PRANDI, R. *A realidade social das religiões no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- PRANDI, R. *Um sopro do espírito: a renovação conservadora do catolicismo carismático*. São Paulo: Edusp e FAPESP, 1997.
- PRANDI, R. ; SOUZA, A. R. A carismática despolitização da Igreja Católica. In: PRANDI, R.; PIERUCCI, A. F. *A realidade social das religiões no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- PRANDI, R. O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. *Estudos Avançados*, v. 18, n. 52, p. 51-66, 2004.
- REIS, M. V. F. *Política e religião: o envolvimento dos católicos carismáticos na política brasileira. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011.*
- SCHELIGA, E. L. *Educando sentido, orientando uma práxis: etnografia das práticas assistenciais de evangélicos brasileiros. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.*
- SENNA, J. Terços, “Santinhos” e versículos: a relação entre católicos carismáticos e a política. *REVER*. Ano 08, São Paulo, PUC-SP, P. 54-74, março, 2008.
- SILVA, V. G. Neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras: Significados do ataque aos símbolos da herança religiosa africana no Brasil contemporâneo. *Mana*, v. 13, n. 1, p. 207-236, 2007.
- SOUZA, A. R. *Igreja in concert: padres cantores, mídia e marketing*. São Paulo: Annablume e FAPESP, 2005.
- SOUZA, A. R. *Nosso empreendedorismo liberal cristão*. Trabalho apresentando no 33º Encontro Anual da ANPOCS, 2009.
- SOUZA, B. M. *A experiência da salvação: pentecostais em São Paulo*. São Paulo: Duas Cidades, 1969.
- TEIXEIRA, F. A presença dos espíritos no imaginário da sociedade brasileira. *Notícias do dia – IHU On-line*. São Leopoldo, 9 de setembro, 2010.